

A história da iluminação elétrica nas residências cariocas no início do século XX registrada na moradia de Rui Barbosa

Helena Câmara Lacé Brandão

Vanessa Mendonça Soares

Letícia da Silva Fontes Aranha

Paula do Sacramento Rocha

Fernanda Ferreira Bressane

INTRODUÇÃO

O Museu Casa de Rui Barbosa, por meio de seus ambientes e acervos, detém importante registro de como os espaços residenciais na passagem do século XIX para o XX começam a ser servidos de luz elétrica, sistema de iluminação artificial que trouxe muitos benefícios para o conforto lumínico. Na época, tal ciência era chamada de higiene – ou melhor, *hygiene* – visual, tanto para o desenvolvimento de atividades laborativas quanto não laborativas, o que hoje em dia é chamado, no campo da ciência ou das artes, de luz da razão e da emoção.

O funcionamento da casa, desde os tempos dos abrigos primitivos, sempre demandou iluminação. Essa iluminação, nos primórdios, apesar de ocorrer prioritariamente pela luz natural do Sol, proveniente da radiação solar, também se dava pela luz artificial, energia radiante que resultava de uma combustão promovida pelo homem.

Nos tempos da caverna, o fogo era utilizado não apenas para aquecer as pessoas ou cozinhar seus alimentos, mas também para iluminar o abrigo, podendo ser essa fonte luminosa considerada a primeira “lâmpada” e as tochas as primeiras “luminárias”. Esses termos, no entanto, não estão empregados corretamente, pois surgiram muito tempo depois. No princípio, a fonte luminosa primária (lâmpada) confundia-se com a fonte luminosa secundária (luminária), não podendo ser definida independentemente, sendo lâmpada expressão empregada como sinônimo de lamparina ou de lanterna.

De qualquer modo, tochas, velas, lampiões, entre outros, durante muito tempo, serviram as habitações de luz artificial, compensando a ausência da luz

solar e permitindo, mesmo que limitadamente, o funcionamento noturno da casa, com oferta de flexibilidade aliada à mobilidade dos arranjos físicos dos mobiliários, própria dessas épocas.

Não há como negar, no entanto, que a iluminação artificial dos espaços internos das residências ganha maior relevância com a chegada da eletricidade e o surgimento do que se conhece atualmente como lâmpada incandescente. A lâmpada veio elevar os índices de iluminância dos ambientes, proporcionando maior fluxo luminoso por metragem quadrada, além de maior vida útil da fonte luminosa primária. Isso acarretou melhor conforto lumínico para a realização de atividades, principalmente no período noturno, a ponto de viabilizar a concretização da ruptura do funcionamento da casa dentro da bipartição dia-noite.

Essas inovações tecnológicas que proporcionaram o uso da eletricidade para a iluminação, levando a maior eficiência do sistema de iluminação ativo a ponto de acarretar mudanças nos hábitos de moradia das pessoas, também impactaram a arte doméstica, influenciando diretamente a decoração dos ambientes com a oferta de uma experiência visual inteiramente nova do usuário com o espaço.

O estímulo luminoso captado pelo observador, tanto da fonte luminosa primária, que é a lâmpada, quanto da fonte luminosa secundária composta pelas superfícies das luminárias, dos mobiliários e dos materiais de revestimento e acabamento, é outro. A percepção do espaço se modifica, mesmo considerando apenas a percepção objetiva, aquela que se dá pelos sentidos físicos, no caso, a visão.

A forma, a textura e a cor se modificam conforme os níveis de contraste e a interação entre a luz e as propriedades óticas dos materiais, tendo o sistema ativo outros efeitos de iluminação com a difusão da energia elétrica.

Entre esses efeitos está a possibilidade de se trabalhar não só com a luz geral de distribuição mais homogênea, mas também com a luz de destaque, sendo possível realçar pontos de interesse com uma iluminação mais focal com o intuito de se explorar aspectos lúdicos do espaço ou de objetos de adornos.

Na edição de julho da revista *Light* de 1928, a reportagem intitulada “O trabalho e a luz” comenta que “a colocação inteligente de um *abat-jour*, de um *campaneon* ou de uma lâmpada oculta decide soberanamente do êxito, no arranjo das várias peças do lar [...]. Cada peça exige um ‘tempero’ luminoso, característico e próprio”¹

¹ LIGHT. Rio de Janeiro, ano 1, vol. 1, n. 6, p. 22, jul. 1928.

ênfase nas vantagens da iluminação “moderna”,² não só pelo lado racional, mas também pelo lado subjetivo.

A sensação de bem-estar, no que diz respeito à visibilidade, segurança, orientação e ambientação, passou a ser trabalhada tanto para atividades laborativas quanto não laborativas com muito mais facilidade, na intenção de se proporcionar a um único ambiente tanto a luz da razão quanto da emoção.

A luz sempre deteve um significado lúdico, por vezes adquirindo um valor simbólico, que se encontra indissociável dos aspectos técnicos da iluminação, das propriedades físicas da luz, seja ela natural, proveniente do sol, ou artificial, produzida pelo homem. A história da eletricidade impacta, assim, a discussão entre razão e subjetividade no que diz respeito à iluminação.

Na investigação desses fatos históricos, a observação do interior das residências cariocas durante a passagem do século XIX para o XX é de muita valia. Nesse olhar, não só o *design* da luminária, sua forma, seu material, sua fixação, sua adaptação a mais de um tipo de lâmpada são importantes, como também seu posicionamento dentro do ambiente, disponibilizado pela distribuição dos pontos de energia elétrica e, ainda, seus comandos que vão permitir uma flexibilidade maior na oferta de estímulos luminosos e experiência visual do espaço.

A residência de Rui Barbosa, transformada em museu casa, guarda, assim, informações relevantes, dando testemunho de uma época que marcou o início da iluminação moderna, cujos princípios básicos persistem até os dias de hoje.

A RESIDÊNCIA DE RUI BARBOSA NA CHEGADA DA ELETRICIDADE PARA FINS DE ILUMINAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

A residência de Rui Barbosa, figura ilustre da sociedade brasileira, por operar nos dias de hoje como museu casa, guarda, junto com o registro do cotidiano de uma época, a história do início da iluminação elétrica nas residências cariocas.

² O termo “moderna” era utilizado para se referir à iluminação elétrica na virada do século, que acompanhava a modernidade que a sociedade do século XIX e XX começava a viver com o advento da Revolução Industrial, apesar desses tempos modernos terem sua origem com a valorização das ciências a partir do humanismo, motivo pelo qual a historiografia contemporânea chama de moderna a civilização a partir do Renascimento. Neste artigo, o termo moderno será empregado sempre com esse sentido.

A casa, que teve sua construção concluída em 1850 e que passou pela mão de três proprietários³ até ser adquirida por Rui Barbosa em 1893, abrigando sua família entre 1895 e 1923, é, atualmente, uma das mais antigas construções remanescentes da primeira ocupação do bairro de Botafogo, região que nessa ocasião era ocupada por grande parte da aristocracia do Rio de Janeiro.

Dessa forma, operando desde a segunda metade do século XIX, a construção assinala as mudanças no sistema de iluminação artificial das moradias com a chegada da eletricidade para fins de iluminação, que impacta não só o espaço público, mas também o espaço privado das habitações.

No início do século XX, a luz elétrica passa a iluminar a cidade do Rio de Janeiro. A eletricidade utilizada como força motriz nos transportes públicos, levando à adoção dos bondes elétricos em substituição aos de tração animal, é, nesse momento, difundida como fonte de energia para a iluminação da então capital do Brasil.

O Rio de Janeiro não foi a primeira cidade brasileira a fazer uso da energia elétrica para a iluminação.⁴ Amplamente servida de luz a gás desde meados do século XIX, pela iniciativa de Irineu Evangelista de Souza – o barão de Mauá –, a cidade do Rio de Janeiro detinha uma vasta e custosa rede de distribuição subterrânea de gás para o abastecimento público e privado e não havia interesse econômico nem político para a difusão da rede elétrica.

A empresa belga SAG – Société Anonyme du Gaz –, ao adquirir, em 1885, a concessão do abastecimento de gás,⁵ obteve também o direito exclusivo de exploração de qualquer outra fonte de energia para fins de iluminação, detendo o uso da eletricidade nessa frente pelos concorrentes.

Essa manobra, que claramente se dirigia contrária ao lema positivista de progresso da recente República que se instaura em 1889, só deixa de inviabili-

³ Bernardo Casimiro de Freitas, o barão da Lagoa, construiu a casa e, posteriormente, a vendeu ao comerciante português Albino de Oliveira Guimarães, que a passou para o inglês John Roscoe Allen, até servir de moradia para a família de Rui Barbosa.

⁴ As cidades de Campos, no estado do Rio de Janeiro, de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e de São Carlos, em São Paulo, utilizaram a eletricidade para iluminação pública antes da cidade do Rio de Janeiro.

⁵ A expansão da iluminação a gás dependia de investimento de alto custo na rede de distribuição subterrânea e a concessão obtida pelo barão de Mauá, em 1851, passa em 1865 para a Rio de Janeiro Gás Company e, em 1885, para a empresa belga SAG.

zar a iluminação elétrica da capital brasileira com a reforma urbana de Pereira Passos iniciada em 1904.

As obras na cidade permitiram a passagem subterrânea de tubulação elétrica pela SAG, iniciativa pública que favorece o interesse privado, como comumente acontece nos dias de hoje. O Rio de Janeiro passa, então, a fazer uso tanto do gás como da eletricidade para sua iluminação, utilizando esse sistema misto até mesmo quando a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company Limited compra a SAG em 1910, ganhando, com isso, o direito de explorar a energia elétrica para fins de iluminação.⁶



Figura 1

O espaço privado das residências é que tira maior proveito dessa fonte de luz. Mesmo a rua tendo recebido iluminação elétrica primeiramente, é na casa que esse novo recurso causa mais impacto. O sistema de iluminação a gás não era muito popular em ambientes internos, não sendo tão amplamente usado no espaço privado da casa como era no espaço público da rua. Mesmo devidamente canalizado, o gás não passava sensação de segurança para as pessoas que temiam uma explosão. Esse temor da população é facilmente identificado nos anúncios de equipamentos de iluminação que, visando ganhar a confiança do consumidor, faziam menção ao risco de explosão (fig. 1). O mais comum nas residências

⁶ The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company Limited, como era configurada a empresa Light na época, era uma concessionária de geração e distribuição de eletricidade, mas não podia fazer uso da eletricidade para iluminação da cidade por causa do direito adquirido pela SAG ao ganhar a concessão em 1885. A situação só muda quando as duas empresas se tornam uma só em 1910. Mesmo assim, o Rio de Janeiro só passa a ser servido totalmente por iluminação elétrica em 1930, quando a iluminação a gás é desativada.

era ainda o sistema a óleo (baleia, oliva), a vela e a querosene,⁷ mesmo em habitações de famílias mais abastadas, que, normalmente, são as que primeiro se servem das novas e melhores tecnologias.

Se o gás tornou-se um sucesso na iluminação pública, não teve a mesma receptividade na iluminação interna. A complexidade da instalação necessária e o temor dos riscos de seu uso no interior das residências limitaram essa aplicação.⁸

Na década de 1850, enquanto o gás conquistava as ruas do Rio de Janeiro, a empresa Luz Steárica se instalava na cidade, produzindo velas de estearina que produzem menos fumaça e odor e que, até então, eram importadas, visando o consumo desse produto nos ambientes internos.

Diversas habitações, dessa forma, só passam a utilizar um sistema mais eficiente de iluminação artificial, disponibilizando um maior conforto lumínico aos usuários de seu espaço, com a difusão da luz elétrica. Mesmo as casas que utilizavam amplamente o gás para fins de iluminação, diante da possibilidade de desfrutar de um sistema que, além de mais seguro e menos comprometedor do ar, proporcionava uma luz mais fixa, constante e intensa, mudam suas instalações, adaptando seus equipamentos. A difusão da rede de energia elétrica que possibilitou mudanças no cotidiano das moradias teve início com a reforma de Pereira Passos na região central da cidade e tem continuidade quando esse recurso é levado às demais áreas da região metropolitana do Rio de Janeiro, a partir de 1909, sob o comando da Inspetoria Geral de Iluminação da Capital Federal, a cargo do engenheiro Otto Alencar. A distribuição de energia elétrica era feita por meio de cabos aéreos e subterrâneos que levavam eletricidade às regiões das cidades e a suas residências (fig. 2).

⁷ O querosene era utilizado em muitas cidades brasileiras como sistema de iluminação pública após a descoberta de petróleo nos Estados Unidos da América, o que viabilizou sua comercialização. Mas, como o Rio de Janeiro já possuía uma vasta rede de distribuição de gás, ele era utilizado mais para iluminação de espaços internos.

⁸ FERREIRA, Milton Martins. *A evolução da iluminação na cidade do Rio de Janeiro: contribuições tecnológicas*. Rio de Janeiro: Synergia: Light, 2009. p. 43.

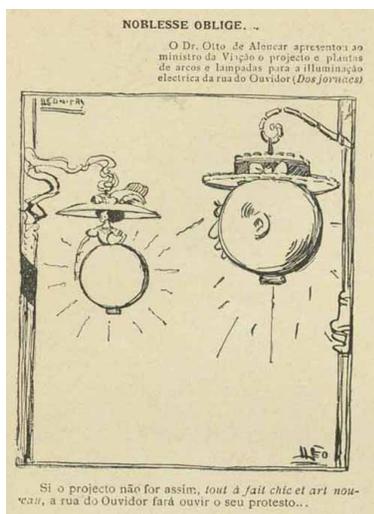


Figura 2

Certamente, as primeiras regiões a serem servidas de luz elétrica eram as mais nobres, próximas da região central e habitadas pela população mais economicamente favorecida, como o bairro de Botafogo, onde se localiza a residência de Rui Barbosa. Mas, independentemente da ordem dessa distribuição de energia elétrica, o que importa é que, ao chegar às residências, a eletricidade foi muito bem quista e, apesar do alto custo econômico em virtude de seu preço, acabou sendo eleita como principal sistema de iluminação artificial dos espaços internos, devido aos benefícios que agregava, ganhando muito mais rápido as casas do que as ruas.

A aceitação da luz elétrica que chegava à porta das residências veio acompanhada da popularização da lâmpada incandescente de fácil manuseio e de intensidade luminosa coerente para espaços internos, provocando menos ofuscamento que a de arco voltaico, comumente utilizada na iluminação pública.

A intensidade luminosa da lâmpada incandescente disponível na época era alta, devido a seu fluxo luminoso, o que causava incômodo e exigia a adaptação do olho das pessoas acostumadas a outros níveis de iluminância. De qualquer forma, era bem menor do que a intensidade da luz da lâmpada de arco voltaico, que causava prejuízos para a saúde visual.

A lâmpada a arco voltaico começou a varrer o gás iluminante da iluminação pública. Todavia, sua potência luminosa era demasiadamente grande para expulsá-lo também das residências. A aplicação em interiores limitava-se a grandes áreas e onde o pé direito permitisse elevar ao máximo a fonte de luz. Porém, nem por isso deixava de haver um anseio geral por uma solução elétrica que eliminasse dos ambientes confinados os riscos de explosão ou de envenenamento, inerentes ao gás de iluminação quando em más condições de uso.⁹

[...]

Se, por um lado, a potência requerida e a intensidade luminosa do arco voltaico consagravam o sistema para iluminação pública, as lâmpadas incandescentes, de menor potência, começaram a se tornar a solução dominante nas instalações internas. [...] solução quase absoluta para a iluminação, durante a primeira metade do século XX.¹⁰

O surgimento de novas tecnologias para fabricação de bulbo de vidro, dando mais liberdade formal a essas lâmpadas e a suas luminárias, colaborava para que o sistema de iluminação elétrica se tornasse cada vez mais eficiente e, ao mesmo tempo, esteticamente adequado aos critérios da época.

As luminárias influenciam no rendimento luminoso da lâmpada e na distribuição adequada de seu fluxo luminoso (incidência da luz nas superfícies), controlando o ofuscamento direto provocado pela lâmpada e colaborando no resultado da iluminação do ambiente. Ao mesmo tempo em que são peças de adorno, são também uma fonte luminosa, chamada de secundária.

As luminárias Tiffany, existentes no mercado desde o fim do século XIX em estilo *art nouveau*, se adequavam a essa nova demanda e faziam sucesso. A luz que delas vazava, interagindo com suas formas e materiais, compunha a ambientação dos espaços internos, marcando a tendência de decoração da época.

Dentro desse contexto histórico, se encontra a residência de Rui Barbosa nos moldes em que foi preservada ao ser transformada em museu casa em 1930. O

⁹ *Ibid.*, p. 67.

¹⁰ *Ibid.*, p. 70.

conjunto arquitetônico comprado pelo governo federal em 1924 e tombado pelo SPHAN (atual IPHAN) em 1938 guarda a memória dessa época e revela como se dava a iluminação artificial nos espaços internos de habitações similares no início do século passado.

Ao circular pelos ambientes do museu casa, percebe-se o registro desse período de mudança na iluminação artificial de espaços internos. Nota-se a presença de sistema de luz a gás, que depois foi adaptado para eletricidade, em conjunto com luminárias criadas já para operarem com lâmpadas incandescentes, fonte luminosa primária de luz elétrica, que são peças ícones, marcas da época.

No quarto de dormir de Rui Barbosa, essa transição é facilmente percebida com a presença, num mesmo ambiente, de arandelas originalmente abastecidas a gás na parede em frente à cama do casal e de lustre fixado no teto para lâmpadas incandescentes acionadas por eletricidade (fig. 3). No caso dessas arandelas, o tubo sinuoso condutor do gás serviu como tubulação para se passar o fio da rede elétrica, quando ocorreu a adaptação do equipamento.



Figura 3

Além dos equipamentos que indicam a presença de dois sistemas de iluminação, encontram-se em todos os ambientes da casa, sejam como luminárias fixas ou móveis, peças ícones de fabricantes famosos, como Tiffany, Mappin e Webb Gorhan Company, que detinham a preocupação com a estética na composição do ambiente e com a eficiência do equipamento para fins de iluminação, no que diz respeito ao menor esforço de adaptação visual para a realização de tarefas (fig. 4).



Figura 4

Nos dois exemplares referidos na ilustração, além da beleza dos ornatos, pode-se notar que a lâmpada em si, a fonte luminosa primária, é totalmente escondida pela cúpula, com objetivo de proteger os olhos do usuário da possibilidade de ofuscamento direto. Esse fato, atrelado à dimensão das cúpulas e, ainda, à possibilidade de manipular a direção do foco na peça da Tiffany, sugere o uso dessas luminárias de mesas para fins de leitura, em que há necessidade de uma luz focal próxima à superfície de interesse que, por sua vez, se situa próxima do olho.

Esse cuidado com o estímulo luminoso promovido pela cúpula que confere conforto visual era uma inovação tecnológica para a época e os equipamentos de iluminação mais eficientes deviam ofertar esse recurso. O Museu Casa de Rui Barbosa guarda, assim, em seu acervo, o registro dessa época.

Outras peças existentes no museu casa que relatam a história do conforto lumínico são os lustre constituídos por globos de luz da Holophane, empresa originada da General Electric Co.¹¹ e grande fornecedora de aparelhos de iluminação nas primeiras décadas do século XX.

A empresa Holophane, em 1903, através do Illuminating Engineering Laboratory, desenvolve globos de luz a partir de um sistema concêntrico que permite a distribuição mais uniforme da luz, possibilitando uma iluminação

¹¹ A General Electric Co., fundada em 1892, era representada no Brasil pela empresa Guinle & Cia., na intenção de se criar um parque industrial. Em 1919, constituiu-se a empresa brasileira General Electric S.A., que em 1920 inaugura a fábrica Mazda: lâmpadas e equipamentos elétricos.

mais difusa e, com isso, menor esforço de adaptação visual com a diminuição de contrastes. A iluminação elétrica dos corredores da residência de Rui Barbosa é feita a partir de lustres pendentes com globos dessa marca, explorando a homogeneidade no fecho de luz, para que todas as superfícies do cômodo sejam iluminadas, inclusive o teto, proporcionando maior luminosidade com menos áreas de sombra (fig. 5).

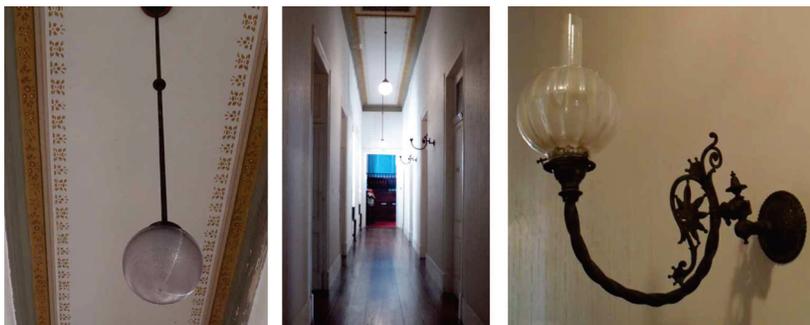


Figura 5

É interessante notar, por meio da ilustração, a presença de arandelas ainda do sistema a gás adaptadas para a eletricidade, que promove efeito contrário ao dos lustres Holophane, dando maior dinamismo com o jogo de luz e sombra, o que sugere a possibilidade de dois tipos de iluminação do corredor com a criação de duas cenas distintas, conforme a necessidade de se ter luz da razão ou da emoção.

O registro da história da iluminação elétrica nas residências cariocas no início do século XX encontrado na moradia de Rui Barbosa não se dá apenas pelas luminárias, mas também pelos comandos e aparelhos auxiliares. Por meio do sistema encontrado no museu casa, pode-se visualizar os procedimentos completos para o acionamento da luz elétrica, desde os disjuntores no quadro de luz, confeccionado em madeira, até o interruptor (fig. 6). Na residência de Rui Barbosa, existem dois quadros de luz que alimentam o casarão, um situado junto à copa e outro junto à escada que leva ao sótão. O visitante do museu casa pode observar de perto esse equipamento.



Figura 6

Infelizmente, as lâmpadas, fontes luminosas primárias, não são, em sua maior parte, originais, devido a seu tempo de vida útil, que leva à necessidade de reposição, visto que a iluminação da casa é feita pelas luminárias do acervo. Não é possível, assim, vivenciar o nível de iluminância conferido a cada ambiente no cotidiano da época. As poucas lâmpadas remanescentes estão inoperantes, permanecendo na luminária para retratar o conjunto do sistema de iluminação (fig. 7, ao final).

Mesmo assim, o testemunho que a residência de Rui Barbosa dá sobre o início da iluminação moderna é fascinante, ao permitir, por meio dos equipamentos de iluminação aqui relatados (luminárias, comandos e aparelhos auxiliares), visualizar o período de transição entre o sistema a gás e o elétrico, com suas inovações tecnológicas para oferta de conforto lumínico e, dessa forma, perceber o ingresso da luz elétrica nas residências cariocas.

O fato de Rui Barbosa ter sido advogado da Light, mais especificamente da The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company Limited, que fazia o abastecimento de luz elétrica na ocasião, como já mencionado, pode até ter colaborado para a adaptação da construção ao sistema elétrico de iluminação artificial, mas tal questionamento não interfere no testemunho importante que o museu casa dá sobre a chegada da luz elétrica no interior das residências cariocas, pois esse processo acabou por ocorrer em outras moradias que, no mesmo recorte temporal, fizeram uso da eletricidade para a iluminação de seus ambientes.

É importante reconhecer, sem sombra de dúvidas, a questão de Rui Barbosa ser uma figura ilustre, representante da classe mais abastada da sociedade carioca da época, o que lhe dava condições de caminhar lado a lado com a modernidade que se instaurava. Assim, é preciso ter a compreensão de que o museu casa mostra a realidade de uma parcela da população.

Se na contemporaneidade nem todas as famílias brasileiras conseguem ter suas casas servidas de eletricidade, enxergando como a população oitocentista em diversas regiões do país, imagine naquela época, mesmo considerando apenas o caso do Rio de Janeiro, capital do Brasil. A luz elétrica não se encontrava acessível a todos, seja pela distribuição da rede, que não atingia ao mesmo tempo todas as localidades, seja pelo seu custo financeiro.

O alto preço da energia elétrica parece sempre ter sido seu ponto frágil. Numa publicação francesa de 1910 que abordava, entre outros temas, os benefícios da iluminação elétrica para a higiene visual das pessoas, essa questão é bem evidente:

O melhor modo de iluminar, sob o ponto de vista econômico, é dado aqui [...] (levando em consideração) a luz mais fixa (regular; constante), mais intensa, a que vicia o menos possível o ar do ambiente. Salvo pela questão do preço, é a luz elétrica que melhor preenche esses requisitos; é na direção desse modo de iluminar que se vão todos os esforços [...]. No entanto, até o presente, a iluminação a gás é a mais empregada geralmente, esperando que a eletricidade chegue a preços acessíveis.¹²

No Rio de Janeiro desse mesmo período, o preço que se tem a pagar para se ter uma iluminação moderna é, correntemente, alvo de críticas, indicando como isso afeta a população que arca com seu custo. Na revista *O Malho*, pode-se observar o protesto da época a esse respeito (fig. 8).

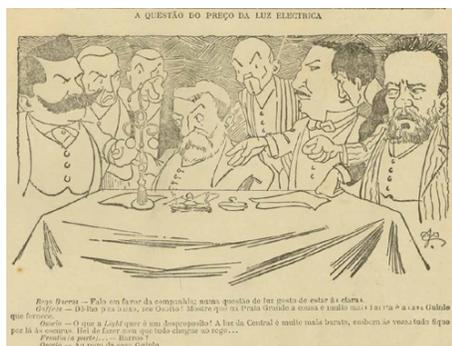


Figura 8

¹² MOLL-WEISS, Augusta. *Le livre du foyer*. Paris: Armand Colin, 1910. p. 65-67. (Tradução nossa.)

No entanto, mesmo representando uma fatia da população do Rio de Janeiro, a residência de Rui Barbosa ilustra bem a inserção, no espaço doméstico, desses novos recursos tecnológicos que são comumente utilizados pela sociedade contemporânea.

A moradia de Rui Barbosa revela o início de hábitos ligados à iluminação que passam a ser absorvidos pela sociedade e que, na contemporaneidade, se fazem presentes sem serem percebidos. Hábitos ligados ao conforto lumínico começam a ser valorizados já no período oitocentista pela ciência do bem-estar, que vai impactar a sociedade novecentista.

Na conjuntura da Revolução Industrial, essa ciência que trata da higienização das construções ganha força na Europa, principalmente nos núcleos urbanos, que passam a ter maior densidade demográfica e poluição, acarretando maior proliferação de doenças e epidemias. Essa preocupação com a higiene desperta diversas questões, como a importância da aeração e da iluminação, tanto natural como artificial, das construções.

No início do século XX, publicações já apresentavam a importância da luz elétrica para a higiene visual, destacando os efeitos positivos dessa iluminação para o ambiente, do lado racional e do lado subjetivo, e indicando os cuidados necessários para sua eficiência (fig. 9).

A iluminação [...] através da luz elétrica proporciona efeitos na arte mais variáveis que os antigos aparelhos a gás, as lamparinas ou as velas [...] ela (a iluminação) será a mesma em todos os ambientes da habitação.¹³

Rui Barbosa era atento a esse assunto, tanto por sua atuação junto ao governo, que começava a se voltar para essas questões em seu programa higienista, quanto por interesse pessoal, em virtude da sua frágil saúde, inclusive visual, devido a seus hábitos de leitura e redação.

Sua atuação profissional, sua posição social e seu modo de vida exigiam atenção para com a iluminação moderna, e sua moradia, transformada em Museu Casa de Rui Barbosa, guarda o lado da razão e da subjetividade do início do uso da luz elétrica.

¹³ CASATI, Joseph. *L'hygiene e l'art dans la construction*. Paris: Henri Jouve, 1903. p. 80. (Tradução nossa.)



Figura 7

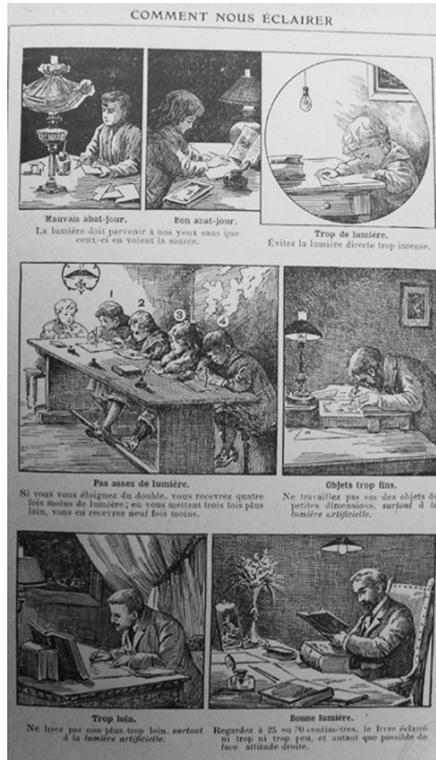


Figura 9

CONCLUSÃO

A moradia de Rui Barbosa, através do acervo preservado por sua condição de museu casa, conta a história do início da iluminação elétrica nas residências cariocas durante a virada do século XIX para o XX e revela, por meio das instalações e dos aparelhos de iluminação, a razão e a subjetividade da ciência do bem-estar que se difundia na sociedade da época, dando origem ao conceito atual de conforto.

O conjunto formado pelas luminárias, seus comandos e suas disposições apresenta a importância da luz para a ambientação dos espaços e para a realização de tarefas, adequando o nível de iluminância às necessidades do olho humano, conforme a demanda de cada atividade, laborativa ou não.

O sistema ativo de iluminação da casa de Rui Barbosa, ou os sistemas, vista a coexistência de luminárias à eletricidade e a gás, mesmo que estas se encontrem adaptadas à luz elétrica, aparece em conformidade com o que a literatura especializada da época indicava para a higiene visual nos espaços internos. A luz correta para o trabalho, a luz propícia para a conversa, para a socialização, a luz adequada para a contemplação do ambiente, de seus quadros, de sua tapeçaria, de seus ornatos, sendo a própria luminária uma peça de decoração.

Os equipamentos de iluminação que fazem parte do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa representam, sem sombra de dúvida, o início de uma técnica que se difundiu durante todo o século XX, aprimorando-se até os dias de hoje; técnica de iluminação que ainda na contemporaneidade tem como principal recurso a eletricidade e que é um dos subsídios para a arte da ambientação.